

A POESIA IMIGRANTE CAMPEÃ DO FESTIVAL PORTUGAL SLAM ENTRE 2019 E 2022

[IMMIGRANT POETRY CHAMPION OF THE PORTUGAL SLAM FESTIVAL BETWEEN 2019 AND 2022]

MARIA GIULIA PINHEIROⁱ

<https://orcid.org/0009-0002-2090-3242>

Universidade de Coimbra – Coimbra, COI, Portugal

ANA CAROLINA DOS SANTOS MARQUESⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-4285-7654>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Presidente Prudente, SP, Brasil

MIRIANE PEREGRINOⁱⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-4410-347X>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: 3, 2, 1 Slam! Este texto objetiva analisar poesias de cinco poetas imigrantes em Portugal e que participaram das finais do Portugal Slam entre os anos de 2019 e 2022. As poesias analisadas são produções de três brasileiras e dois angolanos: Carol Braga, Maria Giulia Pinheiro, Marina Campanatti, DJ Huba e Lucerna do Moco. *Poetry slams* são competições de poesia falada que proporcionam expressão, partilha e sociabilidade. Portugal é um país com forte histórico ligado a imigração, em que há uma defesa do acolhimento aos imigrantes por meio da ideia de lusofonia, mas que na prática ainda entende essas pessoas enquanto inferiores e menos detentoras de direitos. Nesse contexto, os slams possibilitam que os imigrantes afirmem suas identidades e estabeleçam relações mais horizontais. Intencionamos valorizar o conteúdo das poesias e destacar os temas relacionados à questão imigratória que estão presentes nos escritos.

Palavras-chave: Poetas imigrantes; Poetry Slam; Imigração; Portugal Slam

Abstract: 3, 2, 1 Slam! This text aims to analyze poems by five immigrant poets in Portugal who participated in the finals of the Portugal Slam between the years 2019 and 2022. The analyzed poems are productions of three Brazilians and two Angolans: Carol Braga, Maria Giulia Pinheiro, Marina Campanatti, DJ Huba and Lucerna do Moco. Poetry slams are spoken poetry competitions that provide expression, sharing and sociability. Portugal is a country with a strong history linked to immigration, in which there is a defense of welcoming immigrants through the idea of Lusophony, but which in practice still sees these people as inferior and as having less rights. In this context, slams allow immigrants to affirm their identities and establish more horizontal relations. We intend to value the content of the poems and highlight the themes related to the immigration issue that are present in the writings.

Keywords: Immigrant Poets; Poetry Slam; Immigration; Portugal Slam

Introdução

3, 2, 1, slam! Essa é a frase dita antes de qualquer poeta recitar em um *poetry slam*, uma competição de poesia falada em que pessoas se reúnem com o objetivo de partilhar poesias. É um espaço de expressão, política, afirmação, sociabilidade e constituição identitária e cultural.

Em Portugal, país com forte histórico de imigração, os *poetry slams* possuem públicos compostos por diversas pessoas imigrantes, em virtude da possibilidade de expressão e estabelecimento de relações mais horizontalizadas. Como averiguado tanto em entrevistas feitas por Peregrino quanto por Pinheiro¹, há divergência quanto à autoria do primeiro *poetry slam* de Portugal, uma vez que Mick Mengucci questiona se o evento feito por Alex Cortez seria ou não um *slam* já que não havia jurados escolhidos na hora, mas pessoas influentes convidadas. Entretanto, ambos os eventos teriam acontecido em 2010, sendo este ano uma data-marco para pensarmos o desenvolvimento das competições em Portugal.

As finais das competições nacionais nos anos de 2019, 2021 e 2022² ocorreram entre uma poeta brasileira e um poeta angolano. É justamente nessa ligação existente entre os *slams* portugueses e a imigração que reside este texto. Objetivamos analisar uma poesia de cada um/a dos/as finalistas: DJ Huba (campeão 2022 e vice-campeão 2021), Marina Campanatti (vice-campeã 2022), Carol Braga (campeã 2021), Lucerna do Moco (campeão 2019) e Maria Giulia Pinheiro (vice-campeã 2019).

Consideramos importante apresentar nossa posicionalidade enquanto autoras deste texto. Maria Giulia Pinheiro é jornalista de formação e poeta de ofício, apenas recentemente reingressando à academia como doutoranda no programa de Discursos: Cultura, História e Sociedade na Universidade de Coimbra, mas organiza um dos *poetry slams* de Portugal e conhece a cena *por dentro*. Ana Carolina dos Santos Marques é geógrafa e pesquisa acerca da cultura dos *poetry slams*, batalhas de rima e *saraus* há

¹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=y2G4lnDbj3s&list=PLyvA_2qPFV_n_tdN1JHePRhr6RCHfBV_S&index=16>.

² Em 2020, em razão da pandemia de COVID-19, não houve final nacional, mas uma competição entre os *slams*, em que *slammasters* “competiam” entre si. Nesse ano, o Todo Mundo Slam foi campeão.

alguns anos, em virtude de um intercâmbio em Lisboa se aproximou da cena dos poetry slams portugueses, possuindo, de certa forma, uma visão *de fora*. Miriane Peregrino é professora de literatura e coordena o projeto de pesquisa “A expansão dos campeonatos de poetry slam em países de língua portuguesa” na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, até o momento, realizou duas viagens de pesquisa à Portugal, a primeira em 2021 e a segunda em 2022, possuindo também uma visão *de fora*. Por meio da pesquisa, da poesia e dos poetry slams nos encontramos e produzimos um texto que concilia as áreas do Jornalismo, Literatura, Teatro, Artes e Geografia.

Em 2020, Maria Giulia Pinheiro foi representante de Portugal na Copa do Mundo de *Poetry Slam* (Coupe du Monde de Slam Poésie), promovida pela Federação Francesa de Poesia Slam e cuja primeira edição foi realizada em 2007³. Este mundial acontece na França com a participação de 20 países. Na ocasião, Maria Giulia ficou em quarto lugar e se deparou com uma série de ataques virtuais vindo de portugueses descontentes com uma poeta brasileira representar Portugal, ainda mais uma poeta que questionava termos como “descobertas” e o uso da língua portuguesa para expressão própria. Esse acontecimento fez com que uma série de questões surgissem e este texto é uma tentativa de problematizá-las por meio de conceitos como imigração, lusofonia, xenofobia, trajetória e decolonialidade.

Os procedimentos metodológicos consistem na leitura e fichamento bibliográfico, trabalhos de campo em slams de Portugal, entrevistas com poetas, produção de um mapa com as trajetórias dos/as poetas no software QGIS, seleção das poesias dos/as poetas finalistas da competição nacional e análise dessas produções.

O desenvolvimento do artigo está dividido em cinco partes. Primeiramente abordamos o que é o *poetry slam*. Em seguida apresentamos a cena do *poetry slam* em Portugal, para posteriormente discutir o histórico de imigração no país. Na quarta parte, há análise das poesias selecionadas. E, por fim, refletimos acerca das trajetórias espaciais das/os poetas e dos atravessamentos que influenciam suas vidas enquanto imigrantes.

³ Mais informações em: <<http://grandpoetryslam.com/>>.

3, 2, 1, slam!

Em uma noite de 1986, em Chicago (Estados Unidos), um dono de bar cansado do tédio de declamações poéticas, decidiu experimentar uma ideia: misturar competição e performance. O *poetry slam*, enquanto evento performático, nasceu nesse ano, no Chicago's Green Mill Tavern Assamble. Marc Smith, o fundador do jogo internacional de palavra falada estruturou uma atividade que envolvia jogo e performance, de forma a ter a plateia engajada tal qual uma espécie de *cabaret* (SOMERS-WILLET, 2009). Ao contrário da maioria dos eventos de poesia, o *poetry slam* é caótico, barulhento, energético – algo entre um estádio e um *show* – e ocorre em diferentes espaços, desde bares a bibliotecas e espaços públicos.

Cada poeta possui três minutos para envolver o público e justificar a sua presença na próxima ronda, não podendo utilizar figurino, objeto cênico ou acompanhamento musical, sob pena de eliminação. É possível ler, desde que o poema seja autoral e que o objeto utilizado para leitura esteja em cena apenas para esse fim, nunca utilizado como parte da performance. É só o poeta e o microfone – quando há um microfone. Na plateia são escolhidos cinco jurados para elegerem o vencedor. “Elegerem” ao pontuar entre 0 e 10 cada performance poética, com a única regra de não conhecerem anterior e/ou pessoalmente os poetas. O critério para pontuação não tem a ver com nenhum manual. É o simples receber da poesia, da fala, da sonoridade.

Após a primeira ronda, metade dos poetas já não voltam a se apresentar. Dos que voltam, apenas dois ou três, a depender do país, passam para a ronda final. O vencedor não ganha nada, a não ser o privilégio de dizer mais poemas do que os outros. Embora possa ocorrer, em alguns casos, uma premiação simbólica, isto varia de *slam* para *slam*, sendo mais um exceção do que uma regra. Dentro do *slam*, o público é soberano e protagonista: ganha quem souber conquistar a plateia ou pelo menos os cinco jurados.

O *poetry slam* pode ser entendido como uma contracultura, foi criado para se opor aos eventos elitistas de poesia, em que somente artistas prestigiados podiam recitar poesias e participar das performances, além do próprio público que também era selecionado e pertencente, sobretudo, às classes privilegiadas (SOMERS-WILLET, 2009). O *poetry slam* é um espaço democrático, acessível, o microfone é

disponibilizado para quem desejar se expressar, inclusive, as pessoas são encorajadas a subir ao palco, quanto mais diversidade e performances um evento possuir, melhor.

Fazem “sucesso” aqueles poetas que são votados pelo público, mas o “sucesso” não é, em si, um objetivo da competição. Afinal, como diz Roberta Estrela D’Alva⁴, “[...] se cada um tem três minutos, em meia hora nós ouvimos 10 pessoas”. A constituição de identidades é uma das principais marcas dos *poetry slams*, enquanto espaços de partilha e sociabilidade, as pessoas aprendem entre si, conhecem diferentes identidades e formam as suas próprias.

Tratam-se de diferentes corpos políticos ocupando um mesmo espaço e se expressando, assim processos identitários e performances são intrínsecos aos *slams*. Ainda que sejam espaços democráticos, ou assim deveriam ser, a negociação é inevitável. As pessoas carregam distintos marcadores identitários que se interseccionam e moldam suas vivências. As trajetórias de vida e de espaço se fazem presentes nas poesias e, a depender do contexto, podem não agradar todo o público. Além disso, é possível que os próprios poetas não se sintam confortáveis em qualquer *poetry slam*. Esse cenário é confirmado, por exemplo, pela iniciativa de muitas mulheres de criarem coletivos “das minas”, com o intuito de desenvolver um espaço acolhedor para as mulheres em que elas possam performar e desenvolver relações equitativas.

Nos *poetry slams* a palavra é o centro, e a escuta é imprescindível. Em virtude da possibilidade de falar e ser ouvido, a presença dos sujeitos não-hegemônicos é marcante entre poetas e públicos. Somers-Willet (2009), em uma das primeiras obras a respeito de *poetry slam*, aponta que as pessoas socialmente marginalizadas estão presentes desde o início do movimento. Essas identidades marginalizadas variam de acordo com os contextos sociais e temporais. No caso de Portugal, a identidade imigrante faz-se significativa nos *poetry slams*.

Poetry slam em Portugal

Desde sua criação e expansão, o *poetry slam* já foi tema de estudos em diferentes áreas do conhecimento, desde as Artes e Letras à Geografia. Bortolozzo (2021) apresenta um estado da arte da produção acerca da temática, ressaltando que as

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_lcK6E6YhiE>.

primeiras produções foram nos Estados Unidos: a tese da linguista estadunidense Julie Marie Schmid em 2000; o artigo de Susan B. A. Somers-Willett em 2005 e o livro da autora de 2009. Helen Gregory também produziu um importante artigo com observações locais e etnográficas no Reino Unido e nos Estados Unidos.

A produção científica brasileira também tem crescido nos últimos anos, com destaque para Roberta Estrela D’Alva que levou o movimento para o país e produziu um dos primeiros livros acerca do tema (2014), incentivando a realização de outras pesquisas. Os trabalhos são expressivos dado o fato de que no país os *poetry slams* recebem *status* tanto de forma de arte, com uma estética própria, quanto de evento cotidiano relevante nas dinâmicas urbanas de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Já a respeito do *poetry slam* propriamente executado em Portugal, há pouco material. Utilizamos aqui como referência o único estudo de mestrado produzido até então, com autoria de Liliana Alexandra Ferreira Vasques (2016). A autora também é uma das fundadoras e foi organizadora do *Poetry slam Coimbra* durante alguns anos.

O *poetry slam* chegou a Portugal em 2010, organizado por Alex Cortez no Music Box, durante o Festival Silêncio (VILAR, 2023). Em 2014, foi fundada o Portugal Slam, uma plataforma nacional dedicada à divulgação, promoção e prática do *poetry slam*, organizada por representantes dos próprios coletivos e associação dinamizadoras. A plataforma organiza anualmente uma competição nacional entre os *poetry slams* do país, realiza workshops e atividades literárias, e também trabalha nas comunidades de base, escolas, bibliotecas e espaços culturais (PORTUGAL, 2023).

O número de coletivos que integra a plataforma varia de ano a ano. Os requisitos básicos são apresentação de um plano de ação anual e a realização de três eliminatórias no ano, com o intuito de eleger um representante para a final nacional. No ano de 2022, a plataforma contou com 15⁵ coletivos autônomos: *Poetry slam Almada*, *Amadora*, *Aveiro*, *Coimbra*, *Leiria*, *Porto*, *Sintra*, *Torres Vedras*, *Trafaria*, *Slam das Minas Coimbra*, *Poeta Qu'pariu (Loulé)* e *Todo Mundo Slam (Lisboa)*.

⁵ Em 2022, os coletivos participantes do evento Portugal Slam foram os citados acima, mas ainda aconteceram mais eventos do tipo em Portugal, que não obtiveram vagas (ou por livre e espontânea vontade ou por falta de acolhimento da plataforma) na Final Nacional: *Minha Poetry slam (Guimarães)*, *Poetry slam Odemira*, *Poetry slam Algés* e *Poetry slam BLX (Lisboa)*. Também faz parte do movimento outros coletivos que, entretanto, não fizeram eventos no ano citado, como o *Labio Slam (Lisboa)* e o *Poetry slam Sul*, na margem sul de Lisboa.

A existência de uma plataforma nacional é positiva ao integrar distintos coletivos de *poetry slam*, possibilitando a troca de experiências e a criação de um público que transita entre os eventos. Uma rede cultural é constituída e aumenta a visibilidade do movimento que, no contexto de Portugal, ainda não é uma cultura muito difundida como em outros países, à exemplo do Brasil e dos Estados Unidos.

Os *poetry slams* não ocorrem durante todo o ano em Portugal. Os eventos geralmente são concentrados entre os meses de abril e setembro, à exceção de alguns coletivos que realizam edições em mais meses como o Todo Mundo Slam. Até 2022 foram realizadas oito finais nacionais. As edições entre 2014 e 2019 aconteceram na cidade de Lisboa, a partir de 2020 os espaços começaram a variar. Em 2021 Coimbra foi a sede da final e em 2022 a escolha foi a cidade de Aveiro. A previsão é que em 2023, a final ocorra no distrito de Almada.

As pessoas imigrantes possuem participação ativa nos *poetry slams* portugueses, em especial nos últimos anos, com poesias em que a discussão social, sobretudo a questão migratória, faz-se presente. As identidades imigrantes são constantemente negociadas não somente nos *slams*, mas em todas as vivências cotidianas dessas pessoas. Portugal possui um forte histórico ligado a migração e seria impossível debater uma contra-cultura como os *poetry slams*, sem também tocar em temáticas que desafiam a ordem hegemônica, como a xenofobia e o racismo.

A questão migratória em Portugal

A migração é um tema presente em toda a história da humanidade, as diferenças são relacionadas a direções, quantidade de pessoas e motivações que podem ser por razões econômicas, políticas, culturais e naturais, em geral, as pessoas buscam melhores condições de vida em relação ao espaço que habitavam. O movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (HAESBAET, 2005) implica em se inserir em outra realidade, passar pelos processos de adaptação e ser ou não incorporado efetivamente no local de destino. Nesse sentido, a migração está ligada a temas como políticas migratórias, xenofobia, diversidade cultural e mercado de trabalho.

Em Portugal, a questão migratória se tornou significativa nas dinâmicas demográficas contemporâneas a partir do fim da Segunda Guerra Mundial (SILVA, 2005). Silva (2015) elenca três fases da migração no país e demonstra como o país foi se tornando destino de diversas nacionalidades. As pessoas imigrantes são do Brasil, PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), Índia, China, Sudeste Asiático e Leste Europeu. Os empregos são na construção civil, restauração, trabalho doméstico e cuidados com pessoas.

Os movimentos migratórios sofrem interferência direta de eventos econômicos e políticos, assim como também os influenciam. Segundo Padilla e França (2020), a crise econômica de 2008 impactou diretamente na dinâmica migratória de Portugal, assim como a Troika e implementação de políticas de austeridade em 2011. Padilla e Ortiz (2012) apontam que esses eventos causaram uma desaceleração e diminuição da imigração, assim como retorno de imigrantes ao país de origem. Em relação à emigração, muitos portugueses saíram do país, tanto aqueles qualificados quanto de pouca qualificação, com predominância dos primeiros.

Em suma, tanto as emigrações quanto as imigrações em Portugal ocorreram por razões econômicas, ligados ao mercado de trabalho. De acordo com Peixoto (2007), o país é ao mesmo tanto receptor e emissor de muitos imigrantes. Atualmente, após recuperação econômica, os índices de imigração voltaram a crescer e também há uma permanência da emigração.

Embora nos últimos anos o país tenha avançado nas políticas migratórias (PADILLA; FRANÇA, 2020), não quer dizer que todos os imigrantes foram efetivamente incorporados na sociedade portuguesa e estejam em posição de equidade perante cidadãos nativos do país. Segundo Silva (2015), nos últimos anos, a xenofobia e discriminação têm se manifestado mais fortemente e mesmo o país possuindo um histórico forte de imigração, parte da opinião pública atribui aos imigrantes a responsabilidade pelos problemas sociais e crise.

De acordo com Machado (2006) há uma “hierarquia das alteridades” portuguesas, em que as diferentes populações que habitam o território possuem status que resultam em distintos níveis de integração. O intenso fluxo migratório de pessoas dos PALOP “resultou na reconstrução dentro de Portugal da antiga ordem imperial, agora reorganizada com base nas populações imigrantes” (MACHADO, 2006, p. 119). Trata-

se da persistência do pensamento colonial português que é disfarçado pelas teorias do lusotropicalismo e da lusofonia, preconizando a imagem de Portugal enquanto país acolhedor, diverso e tolerante.

Há uma negação da diferença em relação a população da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Nega-se o racismo, nega-se a xenofobia e nega-se o sexismo, entretanto, como apontado por Padilla e França (2020), a população portuguesa continua a ver os imigrantes como os outros, enquanto usufrui dos privilégios das relações de poder e dominação desiguais.

Os imigrantes carregam diferentes identidades que interferem em sua experiência enquanto tais, como por exemplo, classe, raça, gênero, sexualidade, idade, profissão, religião e descendência. Ainda que exista uma língua comum e que os imigrantes tenham sido imprescindíveis na formação histórica, social, política e cultural de Portugal, as relações não possuem equidade. O país possui um discurso socialmente aceitável, mas que continua a exotizar determinadas populações. Nesse sentido, muitos imigrantes possuem experiências marcadas pela discriminação.

Os *poetry slams* são um dos locais em que imigrantes encontram espaço para expressar suas identidades. Não por coincidência, as poesias de pessoas imigrantes tendem a ser a respeito de suas experiências enquanto tais. É o exemplo dos/as poetas que possuem poesias analisadas neste trabalho. Estes/as poetas utilizam as palavras como ferramenta de denúncia e reflexão, estimulando o público a pensar acerca de questões que não necessariamente o atinge, mas que estruturam a sociedade portuguesa. E embora não venha a ser analisado aqui devido ao recorte temporal deste artigo, é importante lembrar que o brasileiro Nilson Muniz foi o campeão da 1ª edição do Portugal Slam, em 2014, confirmando, ao lado de nomes como os do italiano Mick Mengucci e do guineense Marinho Pina, a presença imigrante desde os primeiros *poetry slams* portugueses.

A poesia imigrante no Portugal Slam

Durante três anos consecutivos, 2022, 2021 e 2019, as finais nacionais do *poetry slam* em Portugal aconteceram entre uma poeta brasileira e um poeta angolano. Sendo Brasil e Angola dois países em que o *poetry slam* alcança certa importância no mercado

cultural e também sendo duas comunidades com número considerável de imigrantes nesse território⁶, essas informações podem não surpreender. Entretanto, surpreendem os incômodos sobre a poesia falada portuguesa ser representada por imigrantes “das ex-colônias”, ainda mais que esses imigrantes falem de suas condições e reverberações enquanto tal.

Embora os *poetry slams* devam ser espaços horizontais, não significa que todas as pessoas vão se sentir à vontade para frequentá-los, como por exemplo, imigrantes. Inclusive, intencionando criar um espaço que acolha os imigrantes, uma das autoras deste texto, enquanto poeta e imigrante criou o *poetry slam* “Todo Mundo Slam”, o primeiro coletivo pensado para e por imigrantes de línguas portuguesas⁷ em Portugal e que visa ser um campeonato de poesia falada internacional de línguas portuguesas.

Os textos do *poetry slam* aqui servirão como um processo metonímico: ao analisar poemas escritos por imigrantes no território português, pretende-se tocar no imaginário social mais amplo, entendendo essas considerações em um contexto maior, que abrange o caráter historicizado do momento presente.

Tanto o poema de DJ Huba, quanto o de Lucerna do Moco serão analisados por sua performance em vídeo, já que nunca foram publicados em meio impresso, respeitando a escolha dos artistas de não os materializar de forma escrita. Também é importante ressaltar que as fontes principais de acesso à obra desses artistas são suas próprias redes sociais. Já o poema de Carol Braga, publicado no livro semifinalista do prêmio Oceanos⁸, *Minha raiva com uma poesia que só piora* (BRAGA, 2021), será analisado segundo os dois suportes: tanto o escrito quanto o vídeo de apresentação na final do Portugal Slam de 2021. O poema de Marina Campanatti, publicado no livro *Afetos navegantes: olhar o porto do mar* (CAMPANATTI, 2023) e o poema de Maria Giulia, “Como a língua mais bonita”, publicado no livro *Volta para tua terra* (BEZERRA; VAZ, 2021) serão analisados em suas versões escritas.

⁶ Segundo o pordata.pt, são 25.751 angolanos e 204.666 brasileiros os números de população estrangeira com estatuto legal de residente em Portugal em 2021.

⁷ O termo “Línguas portuguesas” é utilizado por Maria Giulia Pinheiro, idealizadora do Todo Mundo Slam, como forma de contrapor o termo “lusofonia”, que remete a um ideário de Portugal como um país que possui uma convivência racial pacífica, ignorando a violência praticada no período colonial (ALFREDO; MARGARIDO, 2000) e que influencia até os dias atuais a estrutura dos países colonizados e o imaginário a respeito deles.

⁸ O Oceanos - Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa é considerado um dos prêmios literários mais relevantes entre os países falantes de língua portuguesa.

Importante ressaltar também que Lucerna do Moco, Carol Braga e Marina Campanatti começaram suas jornadas com o poetry slam já em território português. Por outro lado, DJ Huba havia vencido duas competições em Angola: o Luanda Slam e o Slam Tundavala, ambos em 2019, antes de sua chegada a Lisboa, representando Angola em 2021 na Copa Africana de Slam; e Maria Giulia Pinheiro começou a competir no Brasil em 2013 e, em 2016, ficou em 4º lugar no Slam BNDES Nacional da FLUP - Festa Literária das Periferias, realizado então na Cidade de Deus, Rio de Janeiro, além de ser uma das representantes de São Paulo no Slam BR daquele mesmo ano. A partir daí e até a sua migração em 2019 para Portugal, Maria Giulia também trabalhou nos bastidores e fez assistência de produção para algumas edições do Slam BR e Slam SP, além do filme “Slam: voz de levante”, um documentário de Roberta Estrela D’Alva e Tatiana Lohman sobre o poetry slam no Brasil.

A análise de poemas escritos por imigrantes é uma tarefa complexa que envolve a compreensão das experiências, desafios e emoções que esses indivíduos enfrentam em sua jornada para um novo país. É importante levar em conta as diferenças culturais, as dificuldades linguísticas e as questões identitárias, políticas e econômicas envolvidas na migração. Ao mesmo tempo, é fundamental reconhecer a riqueza e a diversidade da literatura produzida por imigrantes, que contribui para a compreensão da humanidade em sua totalidade.

DJ Huba

DJ Huba é o pseudônimo de Bruno Mateus, poeta nascido na Província de Luanda, em Angola, licenciado em teatro e mestre em Artes Cénicas, e que se define como “experimentador de diferentes disciplinas artísticas das quais se destacam a música, o cinema, o teatro e a poesia *slam*, sendo detentor de prêmios nacionais e internacionais nestas duas últimas disciplinas”, segundo seu perfil de *Instagram*⁹.

Huba foi o primeiro lugar no Festival Portugal Slam de 2022 e segundo no do ano 2021. Seu poema foi recitado durante a apresentação no programa Bem-Vindos¹⁰, da RTP- África, e foi o escolhido para análise por ter sido repetido nos dois eventos. DJ Huba diz: “Gosto deste texto porque ele resume, em algumas palavras, aquela que,

⁹ Disponível em: <www.instagram.com/huba.artes>.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/bemvindosrtpafrica/videos/498015925628188/>>.

enquanto artistas, tem sido a nossa luta diária. Escrevemos porque sonhamos com um mundo onde o respeito mútuo prevaleça e o amor sempre fale mais alto do que qualquer ideologia”¹¹.

Ao brincar com a ideia inicial do poema, “Na verdade eu nunca fiz poesia/a poesia é que me fez”, versos que se repetem ao longo do texto, o poeta reforça a importância da desconstrução subjetiva que operou em si ao começar a escrever e, ao mesmo tempo, a construção de ideais mais humanitários ao ouvir outras subjetividades. O poeta coloca na responsabilidade da poesia a percepção de que o machismo, o racismo e o pensamento capitalista estão em atos cotidianos e é essa mesma poesia que o liberta.

No poema de DJ Huba há o entendimento não de “A” poesia, no sentido de regra a ser seguida e grande tradição, mas “uma” poesia. Existe aquilo que o poeta busca, entendendo que o seu centro é a margem do outro e vice-versa. Dessa forma, contesta-se a ideia de cultura oficial e busca-se uma maneira de fazer poética que combine com o campo semântico e estético do autor e não tanto como uma regra universal. Para DJ Huba, a poesia ensina a viver e não a escrever.

Vale ressaltar que DJ Huba é um escritor contemporâneo, forjado via internet, via eventos de *poetry slam* e o caráter poético da cidadania e cidadão da poesia se torna bastante evidente e intrínseco um ao outro. “A poesia mudou o mundo [...] quem estiver incomodado, que se retire/os poetas vão dominar o mundo/ quem concorda respira”.

Marina Campanatti

Brasileira, atriz, artista-pedagoga e poeta recém-lançada em livro, Marina trabalhou em comunidades de São Paulo como professora de artes e, desde 2019, quando migrou para Portugal para fazer mestrado em Teatro e Comunidade, passou a trabalhar em bairros sociais em Amadora. Sua poesia é majoritariamente de “denúncia, reflexão, vazão e a criação de uma ponte entre as margens e o centro”, como a mesma define na minibiografia de seu livro. Para análise, foi escolhido o poema “Feijuca” (CAMPANATTI, 2023) por ser o texto com o qual Marina iniciou sua performance no Portugal Slam de 2022. Marina, assim como DJ Huba e Carol Braga, é uma poeta que se viu como tal ao frequentar eventos de poesia falada.

¹¹ Fonte: *Instagram* <www.instagram.com/huba.artes>.

O poema de Marina Campanatti é uma celebração da comida tradicional brasileira, a feijoada, como desculpa para o encontro e para a comemoração mesmo nos momentos mais doloridos do cotidiano. Esse prato, utilizado como metáfora pela poeta, carrega uma forte mitologia na identidade nacional brasileira. Durante muito tempo, acreditou-se que a feijoada seria uma criação das senzalas, já que as pessoas escravizadas recebiam dos senhores de engenho as partes desprezadas do porco, aquelas menos nobres, para comer. O feijão preto, vale ressaltar, é originário das Américas. Porém, o historiador Câmara Cascudo (1983) considera essa hipótese falha e explicita que essas carnes (orelha, língua, pés, entre outras) não eram, nem são atualmente, desprezadas na culinária portuguesa e que a “verdadeira” “invenção” nesse contexto é o, também tradicional no Brasil, feijão com farinha.

Portanto, ao desconstruir essa narrativa, Cascudo (1983) apresenta a ideia de que a feijoada foi desenvolvida no final do século XIX em restaurantes cariocas e tornou-se, a partir de então, um mito da miscigenação racial brasileira, uma vez que misturaria a técnica europeia de cozidos com ingredientes dos povos originários e temperos africanos.

O poema usa metáforas da comida e da festa para falar sobre a importância de se alimentar uns dos outros metaforicamente, de se encontrar e fortalecer no vínculo do cotidiano, especialmente em momentos difíceis. Menciona a luta dos negros no Brasil e como a feijoada se tornou um símbolo de resistência e celebração dessa cultura negra, por mais tentativas de embranquecimento da cultura nacional que hajam. O poema trabalha a ideia da feijoada como uma celebração, comunhão e mais do que só um prato, uma forma de ressignificar a escassez. A poeta sugere que, mesmo em situação de opressão, é importante encontrar formas de celebrar e se alimentar uns dos outros – seja no seu país de origem, seja em outro.

“O encontro é o que nos resta / Bota água no feijão / Bora proteger a festa”, essa é a última estrofe do poema, emblemática da musicalidade que percorre todo o texto, podendo ser lido também como uma letra de samba. Inclusive, Marina Campanatti, quando o performa faz percussão corporal para acompanhá-lo, de forma a torná-lo uma música.

Carol Braga

Nascida e criada no Recife (PE), no Nordeste do Brasil, Carol Braga migrou para Portugal para finalizar seus estudos. Quando iniciou suas pesquisas em *spoken word*, percebeu a necessidade de um espaço acolhedor para mulheres e foi uma das criadoras (juntamente com Ana Luiza Tinoco, Greta Rocha e Jorgette Dumby, as duas primeiras brasileiras e a terceira angolana.) do Slam das Minas - Coimbra, o primeiro *poetry slam* do gênero em Portugal. Seu poema analisado é intitulado “Vocês assistiram a final do europeu?”¹², foi escolhido por ser majoritariamente sobre a cena de *poetry slam* na Europa e, portanto, por explicitar os mecanismos de opressão no próprio contexto. Também é um poema cuja oralidade salta aos olhos e aos ouvidos, trazendo consigo uma série de expressões bastante coloquiais e uma variedade de recursos literários, como metáforas, repetições e imagens vivas, para expressar suas emoções e pensamentos.

O poema é uma crítica à opressão e discriminação enfrentadas pelas pessoas negras e indígenas imigrantes na Europa. A poeta expressa sua raiva e frustração com a forma como sua aparência, cor e cultura são sexualizadas e exotizadas pelos europeus, e como seus desejos e necessidades são ignorados e oprimidos. Braga argumenta que a Europa tem medo de falar sobre migração por sua ferida colonial nunca realmente ter sido cuidada e que os europeus não estão preparados para ouvir a verdade sobre o que é ser uma pessoa negra ou imigrante. A poeta também critica a forma como a Europa usa a sexualidade das pessoas negras para se beneficiar e como a poesia é usada para silenciar a voz dessas mesmas pessoas. A poeta enfatiza que não vai se calar e vai continuar lutando pelos seus direitos e pela sua liberdade.

A estrutura do poema não segue uma forma rígida, sem rima ou medida fixa e é composto por versos curtos e frases diretas. Braga traz consigo palavras de pensadores latino-americanos: Gilberto Freyre e, especialmente, Lélia Gonzalez, importante filósofa brasileira que, apesar de ser referência na crítica ao pensamento ocidental, como Angela Davis, normalmente é negligenciada na Academia europeia. Reforçado pelo uso de expressões coloquiais, o poema contém metáforas, como "crioula, grossa, cacheada demais" e "papo não tem curva", para descrever a discriminação e opressão que enfrenta.

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zh1NAO0NbC0>>.

Braga também usa repetição da frase "olhem pra mim" em diversas línguas europeias para chamar a atenção do leitor e enfatizar a importância de seus versos serem ouvidos e reconhecidos. Relaciona-se com a questão colonial na linguagem, buscando ao mesmo tempo a transgressão dessa língua e a transformação de ações, não só de palavras.

Lucerna do Moco

Lucerna do Moco é a forma como Gabriel Capiñgala nomeia sua pessoa artista. Natural de Huambo, em Angola, é formado em direito pela Universidade de Coimbra e “dedicado à vida para tocar o universo pela oralitura actuante, tendo como veículos a escrita, a música, o teatro e a performance”, segundo seu perfil de *Facebook*¹³. Lucerna foi o vencedor da sexta edição do Portugal Slam (2019) e Vice-Campeão do 7º Campeonato Europeu de *Poetry slam* (2020). O poema escolhido é, assim como no caso de DJ Huba e de Marina Campanatti, aquele com o qual o poeta consagrou-se no meio e é mais conhecido por dentro do contexto do *poetry slam*.

O poema é uma reflexão sobre a relação do poeta com seus ancestrais, pensando que sua maior ancestralidade é o silêncio e a música da natureza. O poeta se coloca como descendente do som e do “silêncio inicial”, utilizando para isso diversas figuras de linguagem de som e harmonia, especialmente onomatopeias, mas também aliterações, assonâncias e paronomásias. Também são usados assobios, imitações e percussão vocal e corporal. Além disso, o poeta começa o texto com uma intertextualidade bíblica com o verso “No princípio, era a música”, em referência ao primeiro capítulo do Evangelho de João, que em seus versículos iniciais retoma a criação do mundo, tema ainda do primeiro capítulo do Gênesis e do poema de Lucerna.

O poeta descreve como seus ancestrais, o silêncio e os sons, foram importantes para moldar sua personalidade, suas crenças e valores. Sugere que seus ancestrais são a base de sua existência e que ele é grato por sua herança. Ele também usa uma variedade de imagens e metáforas para descrever a relação com seus ancestrais, colocando ao mesmo tempo a natureza, os instrumentos musicais africanos, europeus e latino-americanos e os oradores de cada uma dessas culturas como parte de um início de si e do universo:

¹³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/gabrielmbilingui.capingala>>.

O caos-universal devorou a solidão
das estrelas para habitar o silêncio
do sistema solar onde a lira do aedo
a kora do griot, a cítara do salmista,
um berimbau tropical,
o canto dos pássaros nas auras matutinas
e o canto dos galos nas brisas vespertinas
projetaram as ondas do suspiro existencial.

Assim como os poemas anteriores, há uma reflexão acerca da experiência de imigração em Portugal. O poema expressa a ideia de uma ancestralidade mítica, muito maior do que fronteiras e Estados, uma ancestralidade em relação ao que há entre nós, para além das palavras com as quais o poeta forja a linguagem.

Lucerna aponta como o efeito da fala é mais importante do que o discurso em si e que a beleza tem a ver com a verdade, com o presente, sendo assim uma expansão da consciência. O poeta então recria a linguagem à luz de emancipar-se dela própria. Lucerna também, no final do poema, explicita o quanto é apenas voltando ao estado inicial de comunhão consigo e com o mundo, longe dos padrões e normas sociais, em estado de pura procura pela linguagem, que conseguimos ouvir a “voz dos oprimidos” e entendê-la também com “a força da música”.

Maria Giulia Pinheiro

Maria Giulia Pinheiro é jornalista, poeta, performer, roteirista, pesquisadora e ativista. Nasceu em São Paulo e migrou para Portugal em 2019. Seu poema analisado foi publicado no livro “Volta para tua terra” e foi escolhido por ter provocado reações de repúdio nas redes sociais. Em uma análise do poema, o escritor angolano José Eduardo Agualusa (2021), em seu artigo “De quem é esta língua?”, aponta o sentimento imperial que ainda existe nas pessoas portuguesas em relação ao seu idioma materno, invisibilizando as variedades linguísticas em relação aos países do continente africano e ao Brasil.

O poema “Como a língua mais bonita”, com versos livres e ambiguidade e ironia como principais estratégias de linguagem, aborda a relação entre língua e poder. A partir de estruturas linguísticas e sotaques particulares, a norma da língua passa a ser usada para estabelecer relações de poder entre os indivíduos e as instituições. O poema utiliza também um caráter cômico como estratégia linguística, além de inaugurar linhas

de fuga e tentar, dentro de uma estrutura da língua colonizadora, abrir espaços de liberdade. A poeta argumenta que é na transformação da língua, no movimento em que a linguagem nomeia as estruturas e sabota a opressão, ressignificando-a como beleza, que a poesia acontece. A poeta também utiliza a possibilidade da palavra “língua” ser entendida como um órgão humano e que, portanto, remeteria à individualidade e de ser entendida como “linguagem” propriamente dita e, assim, referir-se à humanidade.

A poeta também trabalha com a desconstrução da ideia da língua portuguesa como algo pertencente apenas a Portugal, mas sim a todos os territórios pelos quais essa língua contaminou e foi contaminada, de forma a não pertencer a uma nação e sim a todos os países que a utilizam como língua oficial. O poema “brinca” com a colonização ser uma guerra, uma migração em massa, uma importação de pobreza e exportação de produtos roubados e da não reparação desses crimes de guerra ao longo dos últimos séculos e não revisão da narrativa, gerando uma série de contradições internas nos países envolvidos, além de desconstruir a ideia de uma “lusofonia”, percebendo o quanto esse conceito está diretamente relacionado a um pensamento colonial.

No poema, assim como no de Carol Braga, a pensadora lacaniana Lélia Gonzalez é citada em um de seus conceitos mais famosos, o chamado “pretuguês” (GONZALES, 1984). Ou seja, no poema fica explícito o caráter inventivo da linguagem enquanto tal na formação de sujeitos subalternizados, cujo idioma não traduz a estrutura de pensamento, uma vez que foi “importado” violentamente em guerras que duram mais de 500 anos e se ressignificam e transformam também ao longo dos séculos. A ideia de uma língua viva, pertencente aos que a querem utilizar para forjar a linguagem, e não de algo a ser preservado, é o mote que perpassa a poesia e que, a partir dessa metáfora de “comer a língua”, deglute-se em um debate sobre a decolonialidade e sobre a desconstrução de imaginários coloniais na cultura portuguesa.

Trajetórias espaciais imigrantes que se cruzam e produzem resistência em Portugal

Os *poetry slams* proporcionam encontros entre pessoas com diferentes trajetórias de vida e de espaço. Entendemos trajetória por meio de Souza (2007), que afirma que o termo evidencia o movimento temporal no espaço geográfico, elas são traçadas por

agentes sociais e demonstram suas histórias de vida, práticas cotidianas, espacialidades e visões de mundo. São desenhadas no espaço geográfico, influenciam na construção dele, assim como são influenciadas por ele.

Carol Braga, DJ Huba, Lucerna do Moco, Maria Giulia Pinheiro e Marina Campanatti possuem trajetórias de vida e de espaço distintas, mas que possuem a poesia e o ser imigrante em comum. Três imigrantes brasileiras e dois imigrantes angolanos que se encontram em Portugal, em virtude do *poetry slam*. O Mapa 1 apresenta as trajetórias citadas.

Os/As cinco poetas se conhecem e, inclusive, possuem trabalhos juntos. Maria Giulia Pinheiro encenou a performance “Afetos Navegantes: olhar o porto do mar”, de Marina Campanatti; e também contribuiu para a realização da primeira edição do Slam das Minas - Coimbra, organizado por Carol Braga, ofertando um workshop e apresentando o evento. Carol Braga e Lucerna do Moco dividiram casa em Coimbra e sofreram xenofobia e discriminação juntos, como é retratado pela poeta em seu poema “Despejo”. DJ Huba é organizador do Slam Trafaria que teve Marina Campanatti como representante em 2022.

O Portugal Slam também é responsável por reunir esses/as cinco poetas em um mesmo evento, daí a importância de uma plataforma de organização nacional para que os poetas divulguem seus trabalhos, conheçam os trabalhos de outras pessoas e troquem experiências. A palavra é central nessa sociabilidade. São trajetórias de vida e de espaço atravessadas por distintos eixos de raça, gênero e classe, que passam a ter uma posição de ser imigrante em comum, o que os impõe novos desafios a serem enfrentados.

As poesias destacam as trajetórias espaciais dos poetas:

Os slams possuem esta rítmica própria que nos permite visualizar os territórios paradoxais onde as forças não se mantêm por muito tempo em uma pessoa ou outra – atribuídas de um corpo e múltiplas identidades –, justamente porque a mistura entre poder e resistência se dá no ato poético, de maneira em que os corpos entre público e artistas se confundem, formando assim um corpo ao mesmo tempo único e plural nos espaços. Qualquer pessoa poderia ser poeta, público, jurada, por vezes se expressando por meio da poesia, por outras julgando e reagindo às expressões de quem antes fazia o mesmo por ela. Neste sentido é que a prática que ali se dava era igualmente poética-política-social: as performances ativavam as multiterritorialidades que cada identidade móvel presente acessava, ao passo em que cada uma delas trazia motes específicos de suas lutas sociais, um único corpo se materializava, reivindicando – conscientemente ou não – o permanecer juntas nos espaços públicos. (BORTOLOZZO, 2021, p. 290)

Desse modo, quando esses corpos se encontram, potencializam suas identidades e criam outras espacialidades, mais ampliadas, diferentes daquelas que instituiriam caso não fizessem parte dos *poetry slams*. Inclusive, é por meio dos eventos que muitos poetas passam a ter mais possibilidades de conhecer Portugal. Os *poetry slams* ressaltam a importância e o direito de diferentes pessoas permanecerem juntas nos espaços públicos, como destacado por Bortolozzo (2021).

As poesias aqui analisadas têm traços em comum, sobretudo, a valorização do país de origem das/os poetas, sua ancestralidade e a crítica ao imaginário colonial e às desigualdades sociais, dentre elas as dificuldades de integração imigrante da sociedade portuguesa. As poesias se relacionam e buscam a palavra como ação e vice-versa.

DJ Huba, Carol Braga, Lucerna do Moco, Maria Giulia Pinheiro e Marina Campanatti têm suas identidades forjadas nos próprios eventos de poesia falada e têm em sua base de valores estéticos a importância de chamar o público para dentro do poema, a importância de convidar os ouvintes a estarem presentes durante os três minutos de apresentação. À luz das ideias de Marc Smith (2009), o foco da escrita passa a ser a performance, a necessidade de comunicar e de afetar o outro presencialmente, pelo corpo.

Os poemas analisados são uma forma de resistência, buscando explorar temas como a escravização, racismo, xenofobia, opressão e ancestralidade. Trazem para o debate o papel da literatura em lidar com esses temas e, ao mesmo tempo, evocam episódios concretos e acontecimentos cotidianos. Os textos, então, as tessituras, são atos de criar linguagem, são ações. Ações que se espacializam e ao serem recitadas estimulam que cada um reflita acerca de suas posicionalidades.

A decolonialidade marca a construção das poesias. Tratam-se de poetas que se opõem a colonialidade por terem sido vítimas dessa forma de dominação, assim como a população de seus países de origem, o que impactou diretamente nas formas de conhecer, ser e produzir no mundo.

A colonidade do poder, do saber e do ser (MIGNOLO, 2004) persistem no mundo contemporâneo. Segundo Quijano (2012) o imaginário das populações que foram colonizadas ao longo da história se mantém influenciado pelo eurocentrismo, responsável pela produção das discriminações raciais e étnicas e criação de hierarquias. O padrão modernidade/colonialidade foi imposto às “ex-colônias”, baseando-se na objetividade, universalidade e superioridade europeia (QUIJANO, 2007). Desse modo, diversidades e subjetividades foram suprimidas e invisibilidades, povos foram

explorados e subalternizados e todos aqueles conhecimentos que não advinham da Europa foram ignorados por séculos.

As/Os poetas imigrantes presentes neste texto são um exemplo de oposição à colonialidade. Por meio de suas poesias e outras ações, tecem críticas a estrutura de poder desigual e a reprodução das invisibilidades. Demonstram que pessoas dos países considerados inferiores, também produzem arte e conhecimento e que merecem destaque.

São poesias marcadas pelo desprendimento da retórica da modernidade e de seu imaginário imperial e colonial (MIGNOLO, 2004). É o ponto de vista de pessoas que possuem nacionalidades historicamente dominadas e que estão em busca de valorizar os saberes e visões de mundo silenciadas. Buscam trazer outras epistemologias e identidades para o centro, para um país com histórico colonizador e para espaços que por séculos não foram frequentados pelas pessoas da margem, como por exemplo bibliotecas, festivais e centros culturais.

As/Os poetas possuem trajetórias que se efetivam por meio da palavra no espaço geográfico, corpos que performam histórias e identidades, que possuem a experiência de ser imigrante e que falam a respeito disso, representando não somente a si mesmo, mas sim um coletivo que, nem sempre, está incluído efetivamente na sociedade. São as/os poetas que tornam o *slam poetry* potente e uma manifestação artística que merece destaque não apenas na esfera social cultural, mas também política.

Considerações finais

Ao analisar os cinco poemas aqui colocados podemos observar que as/os cinco poetas imigrantes trazem consigo as marcas da migração e do questionamento sobre seus próprios lugares de origem e seus rituais nacionais. Ao mesmo tempo, sendo esses poetas nascidos em territórios que outrora estiveram em conflito com Portugal e foram colonizados por tal país, é impossível desvencilhar as marcas de tais percursos históricos, seja, minimamente na língua em que escrevem ou nas marcas deixadas na cultura.

Vale ressaltar também que esses cinco poetas venceram prêmios e concursos recentes com esses textos para além da competição nacional, seja Carol Braga como semifinalista do Oceanos, seja Lucerna do Moco como vice-campeão europeu de *poetry slam*, seja Maria Giulia como quarto lugar da Coupe du Monde de Slam. Ou seja, não é

só em Portugal que o discurso desses poetas ecoa, mas em todos os países que trazem consigo a marca da colonização.

As identidades, nacionalidades e ancestralidades das/os poetas são expressas na palavra compartilhada. Assim, na fenda da linguagem, cria-se espaços de convivência e de conforto no estilhaçar de discursos opressivos. Essa linguagem poética busca, muito mais do que um instrumento de comunicação, tornar-se cálcio para que novos imaginários sejam construídos, rompendo com a colonialidade e possibilitando a construção de espacialidades mais amplas. Assim, na decolonização de si e da linguagem e na constante busca de si, essas/es poetas imigrantes buscam construir uma narrativa, uma palavra, uma nação, em que faça sentido estar. É na sonorização, na palavra que necessita da voz, que as desestabilidades são transformadas em linguagem.

São corpos que se encontram no poetry slam, afirmam suas identidades, expressam críticas às ideais de lusofonia e resistem em atos poéticos e políticos. Vozes oriundas de diferentes espaços, que trazem marcas de sua origem para outro território e que, ao encontrar outras vozes que também necessitam se expressar, constroem atos coletivos com a palavra como principal forma de luta, sensibilização e resistência.

A identidade só existe na medida em que há linguagem e vice-versa. As/Os poetas aqui citadas/os buscam essa construção em movimento, ao mesmo tempo em que servem de referência a outras pessoas que também aplaudem e votam e participam nos *poetry slams* de Portugal. Sejam eles portugueses ou imigrantes. Esse discurso fora da ordem, fora da margem, fora dos muros, abre espaços de encontro e são, em si, ação e desejo de ação, cidadania e poética.

Referências bibliográficas

- AGUALUSA, J. E. De quem é essa língua? 2021. *Jornal O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/de-quem-esta-lingua-25155218>>.
- BORTOLOZZO, G. *Espaço em movimento: as práticas poéticas-políticas-sociais dos Slams mobilizando representações e paradoxos espaciais*. 2021. 574 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.
- BRAGA, C. *Minha raiva com uma poesia que só piora*. Lisboa: Urutau, 2021.
- CAMPANATTI, M. *Afetos navegantes: olhar o porto do mar*. Lisboa: Urutau, 2023.

- CASCUDO, L. C. *História da Alimentação no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1983.
- ESTRELA D'ALVA, R. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.
- FÉDÉRATION FRANÇAISE DE SLAM. *Anthologie: Volume 2, 1ère Coupe du monde de Slam de poésie - 4e Grand Slam national*. Le Temps des Cerises (Paru en mai 2008).
- HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- MACHADO, I. J. R. Imigração em Portugal. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p. 119-135, 2006.
- PADILLA, B.; ORTIZ, A. Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise – balanços e desafios. *Rev. Inter. Mob. Hum.*, v. 20, n. 39, p. 159-184, jul./dez. 2012.
- PADILLA, B.; FRANÇA, T. Tres décadas después... Evolución de las políticas de incorporación de inmigrantes en Portugal: Una nueva lectura. *Revista Política, Globalidad y Ciudadanía*, v. 6, n. 11, p. 171-202, jan./jun. 2020.
- PEIXOTO, J. Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal. *Análise Social*, v. 42, n. 183, p. 445-469, 2007.
- PINHEIRO, M. G. Como a língua mais bonita do mundo. In: MELO, M. B.; VAZ, W. (orgs). *Volta para tua terra: uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeiros em Portugal*. Lisboa, Urutau, 2021.
- PORTUGAL SLAM. 2023. Disponível em: <<https://portugalslam.com/>>. Acesso: 28 abr. 2023.
- SILVA, J. C. J. As três fases das migrações internacionais portuguesas no pós-guerra. *ACTA Geográfica*, v. 9, n. 20, p. 141-151, maio/ago. 2015.
- SLAM: Voz de Levante. Direção de Roberta Estrela d'Alva e Tatiana Lohman. São Paulo: Miração Filmes, 2018.
- SMITH, M. *Slam Poetry Movement at TEDxLUC*. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dOpsS9H5dgQ>>.
- SMITH, M. *Take the mic: the art of performance poetry, slam and the spoken word*. Naperville: Sourcebooks MediaFusion, 2009.
- SOMERS-WILLET, S. B. A. *The Cultural Politics of Slam Poetry: Race, Identity and The Performance of Popular Verse in America*. Michigan: The University of Michigan Press, 2009.
- SOUZA, L. F. *Corpos negros femininos em movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas*. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- SZYMBORSKA, W. *Poemas*. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VASQUES, L. A. F. 3, 2, 1! *O Poetry slam em Portugal: mapeamento e análise dos primeiros anos*. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Artística) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

VILAR, F. *Slamizando nas Periferias. A pós-memória colonial em Paris, Lisboa e Bruxelas*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2023.

Recebido em 01/03/2022

Aceito em 18/10/2022

ⁱ **Maria Giulia Pedalino Pinheiro** é doutoranda no programa "Discursos: Cultura, História e Sociedade" da Universidade de Coimbra, entre as Faculdades de Letras e Sociologia. É graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Fundação Cásper Líbero e atriz pelo Teatro Escola Célia Helena, especializou-se em Roteiro para TV na Academia Internacional de Cinema e é pós-graduada no curso "Arte na Educação: teoria e prática" – ECA/USP. Trabalha como poeta, com cinco livros publicados entre Brasil e Europa, e dramaturga, encenadora e artista de palavra falada. Seus temas de pesquisa articulam a performance, o teatro, a palavra falada, a análise de discurso, o poetry slam e lutas por igualdade como feminismo, luta antirracista e anticapitalista. **E-mail:** magiuppinheiro@gmail.com

ⁱⁱ **Ana Carolina dos Santos Marques** é doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP. Tem mestrado em Geografia pela mesma instituição. É graduada em Geografia e especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Realizou estágio de pesquisa no Instituto de Geografia e Ordenamento Território da Universidade de Lisboa, em Portugal. Seus temas de pesquisa articulam os subcampos das Geografias Feministas, Negras e Culturais, versando acerca de temas como: mulheres negras, interseccionalidades, espaço geográfico, cultura marginal/periférica e juventudes. **E-mail:** ana-carolina.marques@unesp.br

ⁱⁱⁱ **Miriane Peregrino** é Jovem Pesquisadora Fluminense da FAPERJ com o projeto "A expansão dos campeonatos de poetry slam em países de língua portuguesa" e Professora visitante do PPGCL/UFRJ. Tem doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil) com período sanduíche (PDSE/CAPES) na Universidade Agostinho Neto (UAN, Angola). Realizou estágios de pesquisa no Romaniches Seminar da Universität Mannheim (UNI-Mannheim) e no Portugiesisch-Brasilianisches Institut da Universität zu Köln (Uni-Köln), ambos na Alemanha, e no Centro de Estudos Amílcar Cabral, na Guiné Bissau. **E-mail:** miriane.peregrino@gmail.com